

Satz als Bild und Satz als Maßstab:

Sobre o desenvolvimento normativo de uma metáfora

Marcos Silva

UFPE

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pretendo examinar o desenvolvimento da metáfora da régua (*Maßstab*) no desenvolvimento da filosofia de Wittgenstein, especialmente no início do seu período intermediário. Usarei a metáfora da régua como fio condutor para entender as mudanças em sua visão a respeito da determinação do sentido proposicional e sobre a centralidade da normatividade para a linguagem.

No *Tractatus*, a metáfora de *Maßstab* parece ser introduzida como um mero elemento ilustrativo de aspectos importantes da sua teoria pictórica. Em sua primeira obra, Wittgenstein parece querer enfatizar, com o seu emprego de *Maßstab*, uma analogia direta (mas não central para o seu projeto de juventude), entre a maneira que usamos uma régua, como um instrumento físico, e necessidade da determinação do sentido proposicional. A imagem de uma régua, ora marginal, é reavaliada e reinterpretada ao longo do abandono do *Tractatus*. No começo do período intermediário, a imagem de *Maßstab* assume cada vez mais protagonismo nas discussões com maior foco no problema da normatividade, sendo pensada de maneira mais nuanceada e abstrata, a saber, como um objeto convencional de comparação. Esse objeto, como uma *Maßstab*, exerce a função de elemento normativo ao introduzir critérios para a avaliação da qualidade de atividades práticas, como a de mensuração de superfícies. Essa mudança de ênfase e de interpretação do papel da metáfora da *Maßstab* na determinação do sentido proposicional é uma chave de leitura iluminadora para entendermos o engajamento da discussão do Wittgenstein intermediário com a normatividade, ou seja, com discussões acerca de critérios e métodos a partir dos quais determinamos a qualidade e correção de nossas práticas regradas.

A partir do desenvolvimento normativo da metáfora de *Maßstab*, Wittgenstein parece encaminhar-se mais e mais para a observação de que um objeto externo introduzido à própria linguagem deve conferir a ela também a função de instaurar critérios ou parâmetros de avaliação para outras atividades linguísticas como, por exemplo, descrições do mundo. Em outras palavras, a partir do reconhecimento da necessidade e da introdução de um elemento de “medição”, nós avaliamos, por exemplo, a correção de nossas descrições e performances práticas e teóricas no mundo a partir desse parâmetro. Como veremos, a metáfora da *Maßstab* também adquire gradualmente centralidade na discussão do desenvolvimento das autocríticas de Wittgenstein à sua influente filosofia da linguagem do *Tractatus*.

Há, conseqüentemente, neste período da filosofia de Wittgenstein, o surgimento do que chamo aqui de argumento normativo. *Maßstäbe* são elementos a partir dos quais determinamos o sentido e a legitimidade de nossas asserções na linguagem e, portanto, não são, elas mesmas,

nem verdadeiras nem falsas, porque fixam a maneira como avaliamos e determinamos o verdadeiro e o falso, ou o que pode ser considerado um erro. Assim, alguns desvios ou contraexemplos em relação a esse parâmetro ou critério de avaliação não seriam estritamente falsos, mas deveriam ser tomados como erros ou mesmo como contrassensos (*Unsinn*).

Divido, para tanto, esse trabalho em quatro partes que cobrem quatro momentos decisivos no começo do período intermediário de Wittgenstein, em que a metáfora de *Maßstab* e sua relação com a determinação do sentido da proposição (*Satz*) é desenvolvida e sua centralidade repensada. Esses quatro momentos são também acompanhados por alguns *mea culpa*, em que Wittgenstein afirma que algo importante no projeto tractariano foi negligenciado por ele. A primeira seção tratará da proposição como *Bild*, em que explorarei o papel marginal que a metáfora de *Maßstab* desempenha para entender a determinação do sentido e sua relação entre *Satz* e *Bild* na teoria pictórica do *Tractatus* (1921). A segunda seção investigará a proposição como uma *Maßstab*, em que destacarei o abandono do atomismo lógico e o reconhecimento do caráter holista da determinação do sentido proposicional das discussões em 1929, na volta de Wittgenstein à filosofia. A terceira seção será devotada ao esclarecimento de mais uma mudança significativa, a saber, a proposição como várias *Maßstäbe*, enfatizando a necessidade da introdução de uma pluralidade de escalas em 1930 para a determinação do sentido proposicional. Já a seção quatro explora a noção de proposição também conectada com a pluralidade de *Maßstäbe*, mas destacando que esta, no fim de 1930, já deveria ser vista a partir de seu papel eminentemente normativo, a saber, de regras ou critérios de avaliação. Discuto também, nesta seção, a versão mais bem acabada do argumento normativo no começo da fase intermediária do pensamento de Wittgenstein.

SEÇÃO 1

SATZ ALS BILD: MASSSTAB COMO UMA RÉGUA NA TEORIA PICTÓRICA DO TRACTATUS

Nesta seção, examinaremos como a metáfora de *Maßstab* e sua relação com a determinação do sentido da proposição (*Satz*) é desenvolvida na primeira grande obra de Wittgenstein. Defenderemos que a metáfora da *Maßstab* no *Tractatus* exercia um papel marginal, meramente ilustrativo, na discussão da determinação do sentido proposicional. A analogia aqui é claramente com uma régua, um instrumento físico e cotidiano de medição de superfícies de objetos também cotidianos. Contudo, como veremos, a partir de problemas internos ao *Tractatus*, a analogia migrará do foco mais físico, como um instrumento concreto de medição, uma régua, para uma acepção mais abstrata, como um critério pelo qual avaliamos e determinamos a qualidade de atividades.

Vale ressaltar que há uma rica polissemia da palavra *Maßstab*, antes de analisarmos seu uso para entender a determinação de seu sentido proposicional e como ele ganha, gradualmente, centralidade nas discussões de autocríticas de Wittgenstein à sua influente filosofia da linguagem do *Tractatus*. No alemão ordinário, *Maßstab* pode designar algum instrumento concreto, físico, de medida, como uma régua de bolso, mas também pode representar algo mais abstrato, como um sistema de medidas ou de coordenadas que orientam procedimentos em atividades técnicas, além de possuir variantes que se aproximam desses dois polos: usos mais concretos e mais abstratos do termo, uma vez que *Maßstäbe* também designa escalas usadas como critérios de avaliação de inúmeras atividades. Ademais, *Maßstab* também pode significar simplesmente regras e normas, como por exemplo, nós poderíamos nos perguntar: "Welche sind die Maßstäbe für die Behandlung von Tiere hier?" (Em uma discussão, alguém também

poderia perguntar: “Hast du einen Maßstab dafür?”). *Maßstab* também pode ser empregada com o sentido de um cânone, ou paradigma, no alemão corrente, assim como pode significar um padrão de medida ou mesmo de um modelo no sentido de um *Vorbild* como em: “Bach ist der Maßstab der Musik!”. Para a nossa leitura normativa do desenvolvimento da metáfora das *Maßstäbe*, é importante notar que elas, enfim, podem também ser tomadas como um objeto de comparação, ou protótipo, como em “Wir setzen Maßstäbe!” (um *slogan* de uma empresa alemã de maquinaria trazendo atenção para a qualidade e o pioneirismo de seus produtos).

No desenvolvimento próprio das discussões de 1929-1930, em que Wittgenstein reconhece a necessidade de se repensar a metáfora *Maßstab* do *Tractatus*, ele afirma explicitamente: “Die Sätze werden (...) noch ähnlicher Maßstäben, als ich früher geglaubt habe” (PB 82, p.110). Para entendermos como e por que proposições devem parecer ainda mais com *Maßstäben* do que Wittgenstein havia pensado antes de 1929, e podermos defender a hipótese diretora a respeito do desenvolvimento normativo da metáfora, devemos voltar ao *Tractatus* e notar o que e como algo ali parece ter sido negligenciado (übersehen).

Como o reconhecimento dessa negligência pode enfraquecer a influente comparação tractariana de uma proposição com uma *Bild* e, ao mesmo tempo, dar mais centralidade à *Maßstab*? Aqui devemos tratar especificamente da teoria pictórica do *Tractatus* (1921, 2.15-2.1515). Nesse contexto determinado da assim chamada primeira filosofia de Wittgenstein, entender uma proposição, uma *Satz*, significa entender uma imagem, uma figuração, ou em uma palavra, uma *Bild*. No *Tractatus*, entender uma proposição significa entender em que condições a proposição é verdadeira e em quais é falsa. Vale notar que é difícil traduzir alguns termos da filosofia de Wittgenstein, por sua polissemia. *Maßstab* é um bom exemplo disso, como notamos acima, mas também *Satz*, *Bild* e *Spiel* o são. O significado de *Bild* tem grande amplitude semântica, podendo variar de imagem mental até uma gravura física; de um desenho de uma criança até um mapa geográfico. Pode ser uma figura desprezível ou também um modelo científico sofisticado.

No *Tractatus*, Wittgenstein emblematicamente afirma:

„Die Form der Abbildung ist die Möglichkeit, dass sich die Dinge so zu einander verhalten, wie die Elemente des Bildes. Das Bild ist so mit der Wirklichkeit verknüpft; es reicht bis zu ihr. Es ist wie ein Maßstab an die Wirklichkeit angelegt. Nur die äußersten Punkte der Teilstriche *berühren* den zu messenden Gegenstand¹.“ (1921, 2.151-2.1512)

A assim chamada teoria pictórica do *Tractatus* demanda como requisito de sentido que a forma da figuração (*Bild*) expresse a possibilidade de que as coisas estejam umas para as outras como os elementos da figuração. Para tanto, Wittgenstein afirma que a figuração deve ter algo em comum com a realidade; ela deve ter uma conexão com a realidade, deve aproximar-se dela. A figuração deve ser assentada contra o mundo, assim como uma régua física é posta contra o objeto a ser medido, a saber, a régua deveria ser posta contra a realidade. A régua, como um instrumento físico, deveria “ir” até o mundo para *tocar* o objeto a ser medido, assim como uma figuração deveria tocar a realidade, ser remetida a ela. Nota-se, aqui, que a metáfora de *Berührung* é a imagem da intencionalidade no *Tractatus*.

Nessas passagens do *Tractatus*, já há uma superposição de metáforas. Wittgenstein, a essa altura, usa a metáfora da *Maßstab* para entender outra metáfora, a metáfora da *Bild*, que por sua

1 Tradutores diferentes traduzem a palavra *Maßstab* diferentemente em contextos diferentes. Desta forma, se perde o fio condutor no desenvolvimento da filosofia de Wittgenstein que estamos querendo encontrar aqui. As citações ficarão no original alemão justamente para que possamos mapear os usos distintos da palavra *Maßstab* no texto original de Wittgenstein.

vez, é usada para entender *Satz*, que poderia também ser visto como uma metáfora. Em outras palavras: *Maßstab* para entender *Bild* que, por seu turno, é usada para entender *Satz*. Note que *Satz* é um substantivo masculino derivado do verbo *setzen*, que significa sentar-se, ou assentar. Um *Satz* é algo assentado, remetido contra a realidade, e por isso o seu sentido é determinado, e como consequência desse assentamento, pode ser comparado com a realidade e tomado como verdadeiro ou falso.

A analogia com uma *Maßstab*, no sentido de uma régua física, mostra, figurativamente, como a figuração deveria direcionar-se para os fatos que a tornam verdadeira. Assim como para uma régua física ser usada, ela precisa tocar o objeto a ser medido, a figuração deve ser direcionada para a realidade a fim de ter suas condições de verdade determinadas e, portanto, o seu sentido determinado. No *Tractatus*, Wittgenstein parece querer explicar que não se mede uma superfície com um instrumento de medição, como uma régua física, sem que, por exemplo, a régua, literalmente *toque* a superfície a ser medida. Os pontos mais externos da régua devem *tocar* a superfície a ser medida. A régua deve ir até o objeto a ser medido; deve ser remetida a ele. A proposição deve ser assentada contra a realidade, assim como uma régua deve ser remetida ou assentada contra o objeto a ser medido para que possamos usá-la adequadamente.

Note-se que em momento nenhum se fala de pluralidade de réguas nessa passagem do *Tractatus*. Gradações da régua tampouco parecem desempenhar papel algum. Apesar de traços da régua serem mencionados, não há escala na régua em um sentido importante nessa analogia do *Tractatus*. Além disso, Wittgenstein também parece não pensar em um prolongamento da *Maßstab*, como no caso, por exemplo, da régua ser mais curta que o objeto a ser medido. No *Tractatus*, Wittgenstein parece pensar de fato em um instrumento concreto de medição; em uma *Maßstab* como uma régua física, mas sem gradações e sem prolongamentos, apenas para enfatizar o aspecto intencional da proposição, qual seja, o de ser remetida à realidade. Contudo, essa analogia com uma régua física também nos remete a questões pragmáticas importantes, como veremos. Afinal, usar, por exemplo, uma régua que altera seu comprimento ao longo da prática de medir algo não vai ser adequado para a finalidade de medição. Assim como a atividade de nomear também deveria atender eventualmente a questões mais pragmáticas. Afinal, como seria o nomear de coisas em um mundo onde objetos não tivessem estabilidade e sumissem sem mais? Colocar a régua contra o objeto a ser medido parece ser um truísmo pragmático tanto quanto colocar a proposição contra a realidade para determinar o seu sentido parece ser um truísmo semântico no *Tractatus*. No entanto, essa esfera pragmática pressupõe uma dimensão normativa que não estava no *Tractatus*.

Vale destacar também que no *Some Remarks*, texto marco de seu retorno à filosofia, mas ainda muito ligado à filosofia do *Tractatus*, Wittgenstein afirma: “I have said elsewhere that a proposition reaches up to reality, and by this I meant that the forms of the entities are contained in the form of the proposition which is about these entities” (1929, p. 169). Os termos “elsewhere” e “em outro lugar”, parecem ser evidentemente o *Tractatus*. Há em *Some Remarks* uma leitura com uma aceção mais formal da necessidade de uma comunidade entre linguagem e realidade. A forma lógica não tem mais como marca principal a intencionalidade ou projeção, mas a coincidência formal entre a proposição e o complexo figurado. Poderíamos, portanto, nos perguntar: há uma tensão entre a imagem de projeção no *Tractatus* e a imagem de uma coincidência formal no *Some Remarks*? Acreditamos que para o presente trabalho podemos usar a hipótese de que a tensão é apenas aparente, e que as duas leituras são, em verdade, compatíveis. Para determinarmos o sentido de uma proposição, ela deve ser remetida à realidade, como o *Tractatus* afirma. Mas o que isso significa exatamente? Em *Some Remarks*, Wittgenstein parece tornar mais claro o significado de que deve haver uma coincidência formal entre a proposição e a realidade afigurada, ou seja, que a forma das entidades deve estar contida na forma da proposição sobre essas

entidades. A proposição é uma descrição legítima se a forma das entidades a serem descritas é a mesma da proposição e isso quer dizer, em última análise, que a proposição foi assentada contra a realidade. É possível articular o *Tractatus* e o *Some Remarks* em continuidade.

Contudo, nesse primeiro uso de *Maßstab* como um instrumento há outro conflito, não apenas aparente. Algo já parece desviante do ambiente próprio do *Tractatus*, como apontamos. Existe ao menos uma diferença crucial entre proposições como uma *Bild* e uma *Maßstab* como régua. A analogia aqui já se mostra problemática. Proposições devem ser remetidas, conduzidas para algo externo a elas, assentadas contra a realidade, para que possam ser entendidas, para que façam sentido, para que condições de verdade sejam estipuladas, ou seja, para que determinemos as situações que as tornem verdadeiras e outras que as tornem falsas. Contudo, régua deve ser conduzida para algo externo a elas para que possam ser usadas, empregadas, aplicadas. Em outras palavras, o âmbito da ação e de um procedimento aparece de maneira muito mais acentuada na analogia com régua. E esse é um ponto importante de contraste com a semântica do *Tractatus*. A ação de indivíduos não está prevista no âmbito realista de determinação do sentido no *Tractatus*, uma vez que estamos falando estritamente de determinação no sentido de determinação de condições de verdade.

Cuter (2009) percebe essa tensão e aponta para a importância de dificuldades com mensurações a fim de entender as motivações para a virada na filosofia de Wittgenstein e abandono da teoria pictórica do *Tractatus*.

Mensurações não podem ser exibidas na forma de estruturas quantitativas. Quantificadores servem para contar. Não servem para medir, pois não são capazes de expressar adequadamente a relação existente entre a medida que se obtém e o padrão utilizado na obtenção da medida. Ou objetos destacados do mundo, como o metro padrão de Paris (ou, para todos os efeitos práticos, a régua que está em minha gaveta) são incorporados à linguagem munidos de suas escalas graduadas e dos números que associamos a elas, ou será impossível encontrar uma expressão linguisticamente articulada para os resultados da medida que preserve as relações lógicas relevantes existentes entre estes resultados. (2009, p.192)

Assim, Cuter (2009) destaca que objetos cotidianos devem ser articulados na linguagem como padrão de medida para expressarmos a medição e seus resultados. Em um passo seguinte, Cuter articula problemas lógicos e matemáticos na interpretação do *Tractatus* com a generalização, na filosofia de Wittgenstein, da crescente necessidade de introdução de elementos extralinguísticos de nosso cotidiano na linguagem ordinária para o seu funcionamento:

Uma parte inescapável no processo de formação do sentido se dará, então, no contexto de operações tão corriqueiras quanto medir, sem poder dispensar o auxílio de objetos tão intramundanos quanto uma régua graduada e as regras que arbitrariamente fomos associando, no curso da história humana, ao seu uso. A generalização deste modelo para toda a linguagem e a extração de todas as consequências dessa generalização fornecem, a meu ver, o motivo condutor da filosofia madura de Wittgenstein. (Cuter, ib. id.).

Algo que corrobora a visão de Cuter é que, em dezembro de 1931, como documentado em WWK², Wittgenstein afirma explicitamente que poderia ter usado a imagem de *Maßstab* em vez da metáfora de *Bild* no *Tractatus* para entender mais adequadamente o comportamento de uma *Satz* (WWK, p.185).

2 Uso WWK para designar o *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, PB para *Philosophische Bemerkungen*, e *Some Remarks* para *Some Remarks on Logical Form*.

SEÇÃO 2

SATZ ALS MASSSTAB (ESCALA): GRADAÇÕES E PROLONGAMENTOS

Nesta seção enfatizaremos o reconhecimento da necessidade de introdução de uma escala para a determinação do sentido proposicional. É importante notar que a metáfora de *Maßstab* torna-se central depois do problema da exclusão de cores (*Farbenausschließungsproblem*). A proposição “o ponto do campo visual é vermelho” parece excluir necessariamente a proposição “o mesmo ponto do campo visual é azul”. Contudo, essa não parece ser uma exclusão baseada no paradigma lógico da contradição; não parece ser uma exclusão formal. Assim como a proposição “se o ponto do campo visual é vermelho, ele não é e não pode ser azul” não parece ser uma tautologia formal, apesar de expressar uma relação necessária. A lógica de inferências materiais, ou seja, que expressa a articulação de conceitos (como em sistemas de cores, medidas e gradações) pressupõe sistemas conceitualmente organizados cuja expressão necessita de *Maßstäbe* (Hacker 1986, Silva, 2020a, 2020b). Wittgenstein parece não ter esperado por certas consequências de algumas de suas noções e teses no *Tractatus*, assim como o inesperado uso de cores para ilustrar o espaço lógico (Neto, 2003; Cuter, 2009; Engelmann 2013; Silva 2013). Sistemas de cores são ilustrações que trouxeram muitos problemas ao *Tractatus*. Esses problemas lógicos pressionam o abandono de uma de suas teses centrais: a identificação entre necessidade e tautologia. Nem todo o âmbito do que é necessário é determinado por tautologias formais.

Com a derrocada do projeto tractariano, aprendemos que só podemos reivindicar a independência lógica de proposições elementares na linguagem se tivermos uma noção muito idealizada de análise lógica: a de que em algum momento, em uma análise completa da linguagem, encontraríamos proposições elementares logicamente independentes umas das outras. O que Wittgenstein percebe é que, para a determinação do sentido, a análise lógica das proposições deveria chegar em um ambiente denso de relações conceituais marcadas por inferências materiais e não mais de proposições logicamente independentes. Assim, o atomismo lógico do *Tractatus* cai por terra. Se houver proposições elementares, elas devem ser organizadas em sistemas densos de relações inferenciais de exclusão e incompatibilidades. (Silva, 2019 2020b)

A metáfora de *Maßstab* para entender a natureza da linguagem e a determinação do sentido proposicional já é mais central em janeiro de 1930 em WWK. A ironia com metáforas é que suas consequências são abertas e seus limites nunca precisos nem totalmente determinados. As metáforas são orgânicas no sentido que algumas crescem e se desenvolvem, como, por exemplo, no próprio desenvolvimento da filosofia de Wittgenstein, a metáfora de jogos e da *Maßstab*, e algumas desvanecem, como as de *Bilder* e de *Kette*.

Em 1929, para a compreensão do fenômeno semântico da determinação do sentido de uma proposição, a metáfora muda de *Bild* para *Maßstab*. Wittgenstein acredita que essa seria uma melhor ilustração para os desafios holistas nesse período de seu pensamento.



Note-se aqui que a imagem já comporta explicitamente gradações e prolongamentos, apesar de ainda ser a imagem de um objeto físico remetido a uma superfície a ser medida. As gradações são importantes para expressarem algumas inferências como as seguintes. “Se uma superfície tiver um metro de comprimento, ela não terá dois, três, quatro etc”. Esse “etc” expressa

os prolongamentos e todos os outros valores possíveis na escala métrica. “Se agora for 30 graus no Recife, então não é 31 graus, 32 e etc”. O “etc” aponta para as outras temperaturas possíveis na escala da temperatura. Se um ponto do campo visual for azul, ele não pode ser vermelho, preto, amarelo etc. Esse “etc” expressa todas as outras cores possíveis. As gradações da régua física servem para acomodar e expressar o quadro de exclusões necessárias. E o prolongamento da escala serve para acomodar a ideia de que há muitas alternativas previstas nesse quadro de exclusões dentro de um sistema conceitual, os quais Wittgenstein chama de *Satzsysteme* nessa época, tanto em mensurações como em atribuição de cores a pontos do campo visual.

Tomemos a seguinte passagem do WWK: „Die Sätze werden in diesem Falle noch ähnlicher *Maßstäben*, als ich früher geglaubt habe. Das Stimmen eines Maßes schließt automatische alle anderen aus. Ich sage automatisch: Wie alle Teilstriche auf einem Stab sind, so gehören die Sätze, die den Teilstrichen entsprechen, zusammen, und man kann nicht mit einem von ihnen messen, ohne zugleich mit allen andern zu messen (...) Ich lege nicht den Satz als Maßstab an die Wirklichkeit an, sondern das System von Sätzen“ (p.110).

Nessa passagem, Wittgenstein deixa claro o desafio holístico da exclusão de cores e a razão pela qual a metáfora de *Maßstab* deve ganhar protagonismo para a superação do atomismo lógico do *Tractatus*. Para a determinação do sentido de uma proposição, não devemos apenas assentá-la contra a realidade como assentamos a régua física contra a realidade, mas devemos assentar um sistema de proposições contra a realidade. A proposição não é remetida para a realidade de maneira individual e isolada de outras, mas sempre como pertencente a um sistema de múltiplas relações inferenciais de exclusão, porque a determinação do sentido de uma proposição exclui o sentido de outras, assim como a determinação de um valor de medida exclui automaticamente vários outros valores possíveis. As proposições devem pertencer a um sistema (*Satzsystem*), assim como os traços da régua também pertencem a um sistema. A metáfora do *Tractatus* deve, então, desenvolver-se para acomodar a necessidade de uma escala. Para medir algo, todos os traços devem ser engajados, inclusive, os traços do prolongamento possível da régua, assim como para determinarmos o sentido de uma proposição, outras proposições também devem ser engajadas, as quais perfazem o sistema conceitualmente articulado da proposição em questão.

Há aqui uma clara forma de holismo semântico que se contrasta com o atomismo lógico do *Tractatus*. Não se trata, nesse período, somente da necessidade de se examinar um todo, um sistema em sua totalidade; trata-se principalmente da relação particular entre um singular e o todo em que esse singular está inserido. O singular, a medição singular, ou a proposição singular, traz consigo informação inferencialmente articulada sobre o todo em que está necessariamente inserido. O singular ganha seu papel em função de sua relação com todos os outros elementos do mesmo sistema. Esse fenômeno lógico holista pode ser visto em vários sistemas diversos, como em sistemas de coordenadas, escalas variadas, estruturas numéricas, sistemas métricos, sistemas de cores, ou, em uma palavra, em várias *Maßstäbe*. Afinal, um holismo de fundo já era previsto no *Tractatus*, mas sem se tirar todas as consequências relevantes: a partir de um elemento singular possível, podemos aprender lições sobre o todo em que o elemento está necessariamente inserido (cf. 3.42, 3.3421, 3.3441).

Coerente com essa discussão, a entrada *Farbensystem* (WWK, pp.63-64) mostra que devemos abandonar a ideia de atomismo lógico, a saber, a demanda de que proposições elementares sejam logicamente independentes umas das outras, para abraçarmos uma forma de holismo semântico. Para entender uma proposição, temos que entender uma escala completa, um sistema completo, todas as relações inferenciais relevantes que determinam um quadro de exclusões necessárias. Nós percebemos a introdução de uma escala com uma numeração. Já temos uma imagem de um instrumento com seu prolongamento, mas ainda não temos a coordenação entre muitas escalas. Ainda não temos a pluralidade de escalas.

A introdução da escala expressa relações inferenciais de incompatibilidade e exclusão que não eram previstas no *Tractatus*. Para o significado de uma proposição (especialmente uma proposição elementar) é essencial conhecer suas ligações [*Verbindungen*] com outras proposições. Por isso, não é mais possível fornecer o significado linguístico de uma proposição sem fornecer sua rede de ligações com outras proposições. Essa rede de ligações é também caracterizada como uma régua que faz, primeiramente, uma medição possível. Entretanto, Wittgenstein reconhece que os desafios tornam-se ainda mais complexos. Precisamos de várias escalas para determinar o sentido da proposição. Não apenas de uma.

SECÃO 3

SATZ ALS MEHRERE MASSSTÄBE: PLURALIDADE DE ESCALAS

Nesta seção, destacamos um novo ingrediente introduzido no protagonismo que *Maßstab* ganha para pensar a determinação do sentido proposicional, a saber, a necessidade de uma pluralidade de *Maßstäben*. Mas, antes, examinemos outro revelador *mea culpa* que aparece nesse período articulado com a ideia de medição e com a importância da gradação para expressar diferentes exclusões automáticas em sistemas de proposições inferencialmente articuladas:

“Ich habe all das bei der Abfassung meiner Arbeit noch nicht gewusst und meinte damals, dass alles Schließens auf der Form der Tautologie beruhe. Ich hatte damals noch nicht gesehen, daß ein Schluß auch die Form haben kann: Ein Mensch ist 2 m groß, also ist er nicht 3 m groß. Das hängt damit zusammen, dass ich glaubte, die Elementarsätze müßten unabhängig sein; aus dem Bestehen eines Sachverhaltes könne man nicht auf das Nicht-Bestehen eines andern schließen. Wenn aber meine jetzige Auffassung mit dem Satzsystem richtig ist, ist es sogar die Regel, dass man aus dem Bestehen eines Sachverhaltes auf das Nicht-Bestehen aller übrigen schließen kann, die durch das Satzsystem beschrieben werden” (WWK, p. 64)

Wittgenstein parece referir-se, nessa passagem, mais uma vez ao *Tractatus*. Afirma acreditar que antes havia uma identificação, equivocada, do paradigma da dedução com a tautologia. No *Tractatus*, toda dedução era tautológica e toda tautologia esgotava o fenômeno lógico da dedução. Contudo, nesse *mea culpa*, Wittgenstein justifica essa confusão com o fato de não ter visto outro tipo de dedução, como a dedução de que se um homem tem dois metros de altura, não tem e não pode ter três metros de altura. A razão disso vem da assunção tractariana de que as proposições elementares deveriam ser logicamente independentes umas das outras, de maneira que a partir da existência de um estado de coisa, não se podia inferir a inexistência de outro. A sua visão na volta à filosofia marca a ideia de um holismo, como vimos: a partir da existência de um estado de coisas pode-se deduzir, sim, a inexistência de todos os outros estados de coisas restantes que podem ser descritos pelo sistema de proposição inferencialmente articulado. Assim o paradigma da independência é abandonado em prol da visão de que toda proposição está inserida em um sistema com múltiplas relações conceituais e quadros densos de exclusão e incompatibilidades.

Wittgenstein defende, a partir disto, que toda proposição de fato deveria residir em um sistema denso em relações inferenciais de compatibilidade e incompatibilidades. Ele destaca nesse contexto:

„Ich habe einmal geschrieben: „Der Satz ist wie ein Maßstab an die Wirklichkeit angelegt. Nur die äußersten Teilpunkte berühren den zu messenden Gegenstand“. Ich möchte jetzt lieber sagen: Ein Satzsystem ist wie ein Maßstab an die Wirklichkeit angelegt. Ich meine folgendes: Wenn ich einen Maßstab an einen räumlichen Gegenstand angelegt, so lege

ich alle Teilstriche zu gleicher Zeit an. Nicht die einzelnen Teilstriche werden angelegt, sondern die ganze Skala. (...) Die Aussagen, welche mir die Länge eines Gegenstandes beschreiben, bilden ein System, ein Satzsystem. Ein solches ganzes Satzsystem nun wird mit der Wirklichkeit verglichen, nicht ein einzelner Satz.“ (WWK p. 89)

Desse modo, um sistema deve ser comparado com a realidade e não somente com uma proposição isolada. Além disso, como vimos, algumas sentenças que expressam as relações conceituais desses sistemas não podem ser falsas, apesar de não serem tautologias. Algumas proposições são *sinnlos*, embora não sejam tautologias. Wittgenstein já em 1929 chama essas sentenças especiais de regras (fenomenológicas) como, por exemplo, “se algo for azul, não é vermelho”, “se tiver esta superfície tiver 1 metro, não tem 2 metros” ou “se for 30 graus Celsius, não é 31 graus Celsius”. Essas proposições parecem ser necessárias, apesar de não serem tautologias. Elas expressam regras que limitam o campo de manobra meramente combinatório da articulação entre proposições, caso elas de fato fossem logicamente independentes, como o *Tractatus* previa.

Assim, quando Wittgenstein afirma estar de acordo com a ideia de descrição completa de uma superfície, ele percebe que não poderia determinar o sentido proposicional de tal descrição sem um grupo de escalas agrupadas. Não mais um sistema, mas vários sistemas deveriam ser combinados para a determinação do sentido de uma proposição.

Wittgenstein afirma, por exemplo:

“Die vollständige Beschreibung einer solchen Fläche würde durch eine Gruppe solcher gestellter Maßstabssysteme erfolgen. So wie hier verhält es sich überall. Wir geben der Wirklichkeit eine Koordinate,; eine Farbe, eine Helligkeit, eine Härte und so weiter. Die Beschreibung muss immer so vor sich gehen, das die Beschreibung nicht zweimal die gleiche Koordinate bestimmt.“ (WWK p. 76)

Vale destacar que o “und so weiter” acima pode designar os mesmos sistemas de proposições inferencialmente articulados, previstos na passagem do *Tractatus* 2.0131. Tanto na WWK quanto no *Tractatus*, o “etc.” expressa e antevê a possibilidade de muitos sistemas fenomenológicos constituídos por relações conceituais diversas, expressas pelas articulações inferenciais permitidas e não permitidas. Também nesse contexto, aparecem as cores e suas relações conceituais definidoras de um *Satzsystem*. Cores mostram para Wittgenstein que precisamos de uma escala lógica muito mais refinada que a tractariana (WWK 112 e PB 84, Silva 2013; Engemann 2013). De fato, precisamos de várias escalas diferentes para expressar a multiplicidade lógica de fenômenos. Precisamos de uma fenomenologia de vários domínios inferencialmente organizados. (*Satzsysteme*).

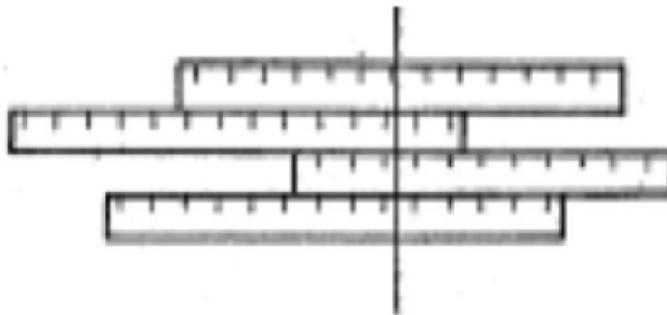
Ademais, fica claro para Wittgenstein que, para a descrição total de fenômenos no campo visual, por exemplo, precisamos de um grupo de sistemas de *Maßstab*, de uma pluralidade de escalas. Wittgenstein generaliza a necessidade de uma pluralidade de coordenadas para a descrição de inúmeros fenômenos, não só os coloridos, afinal, temos que dar à realidade fenomênica uma coordenada, uma cor, uma claridade, uma dureza e por assim por diante. A necessidade da pluralidade acompanha a necessidade de exclusões cada vez mais refinadas para a descrição total do fenômeno. Uma vez que sabemos que uma descrição não pode determinar duas vezes a mesma coordenada, Wittgenstein reconhece que precisamos de várias escalas para mostrar a multiplicidade lógica das cores, por exemplo.

Essa discussão pode ser comparada com o PB ao ressaltar o aspecto da multiplicidade de *Maßstäbe* e da impossibilidade de determinar duas vezes a mesma coordenada:

“Die Wahrheit ist, daß zwei Bestimmungen derselben Art [Koordinate] unmöglich sind. Unsere Erkenntnis ist eben, dass wir es mit Maßstäben und nicht mit isolierten Teilstrichen zu tun haben. Jede Aussage bestünde dann gleichsam im Einstellen einer Anzahl von Maßstäben, und das Einstellen eines Maßstabes auf zwei Teilstriche zugleich ist *unmöglich*.” PB 84

Nesta passagem, afirma-se a necessidade de colocar contra a realidade não uma, mas várias escalas para descrever fenômenos, e não de traços isolados de uma régua, por exemplo. Dessa forma, toda proposição consistiria em uma composição de várias escalas ou coordenadas, uma vez que a determinação de uma escala em dois traços simultaneamente deve ser impossível.

Nesse momento a imagem que Wittgenstein opta para expressar novos desafios na determinação do sentido proposicional envolve a articulação de uma *Maßstab* com várias outras. Continuamos com a imagem de um instrumento, mas com a introdução da necessidade de uma pluralidade desses instrumentos. Para entender uma proposição, precisamos de inúmeras escalas (*Maßstäbe*). Para determinar o sentido de uma proposição, não devemos mais recorrer às suas condições de verdade como no *Tractatus*, mas recusar esta imagem não significa somente entender as articulações inferenciais dessa proposição com outras proposições em um mesmo sistema. Mas sim: para determinar o sentido de uma proposição, temos que entender várias escalas e coordenadas e como elas podem se combinar.



A necessidade de uma pluralidade de *Maßstäbe* é compreensível. Afinal, é mais difícil trabalhar com fenômenos, sempre abertos e indeterminados, como a atribuição de uma cor a um ponto do campo visual, do que com fatos e estados de coisas em um mundo inerte como o do *Tractatus*. A vagueza e imprecisão dos fenômenos motivam a introdução de vários sistemas de mensuração, de escalas ou coordenadas para determinar o sentido proposicional de proposições que visam descrevê-los. A ideia diretriz aqui é: temos que determinar o sentido proposicional e para tanto devemos introduzir tantas escalas ou sistemas de coordenadas quanto possível. Contudo, tornar uma medição mais precisa não significa necessariamente aproximar-se mais da realidade, e sim aumentar o nível de rigor e determinação em seu uso compartilhado.

Nesse período, ainda temos a demanda tractariana da determinação total do sentido. Há, nesse contexto, também um outro *mea culpa* revelador a respeito de duas teses centrais do *Tractatus*: “Ich möchte meine Auffassung von den Elementarsätzen erklären und möchte zuerst sagen, was ich früher geglaubt habe und was mir jetzt davon richtig scheint. Ich hatte früher zwei Vorstellungen vom Elementarsatz, von welchen mir die eine richtig zu sein scheint, wogegen ich mich in der Zweiten vollkommen geirrt habe.”

Sobre as proposições elementares Wittgenstein continua, a essa altura, apoiando a ideia de análise completa que desembocaria em uma “unmittelbare Verbindung von Gegenständen”,

mas abre mão da ideia de que o produto lógico seria suficiente para pensar as articulações possíveis entre estados de coisas.

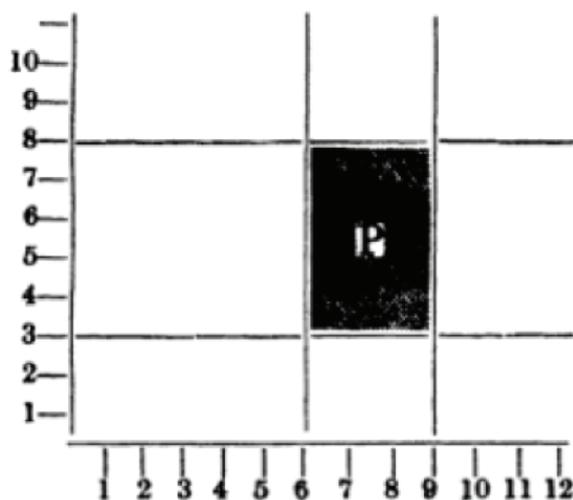
„Ich hatte Regeln für den syntaktischen Gebrauch der logischen Konstanten aufgestellt, zum Beispiel „p,q“, und hatte nicht daran gedacht, dass diese Regeln etwas zu tun haben könnten mit der inneren Struktur der Sätze. Falsch war an meiner Auffassung, dass ich glaubte, daß sich die Syntax der logischen Konstanten aufstellen lasse, ohne auf den inneren Zusammenhang der Sätze zu achten (...)“ (WWK, p.97)

No *Tractatus*, Wittgenstein havia indicado regras para o uso sintático de operadores lógicos, como a da conjunção, mas parece não ter antecipado que essas regras deveriam ter alguma relação com a estrutura interna das proposições. Ele acreditou, incorretamente, como o *mea culpa* acima indica, que a sintaxe das constantes lógicas permitiria descobrir sem que precisássemos prestar atenção na estrutura interna das proposições, quais conceitos e elementos estariam envolvidos, e como eles se articulariam inferencialmente com muitos outros conceitos.

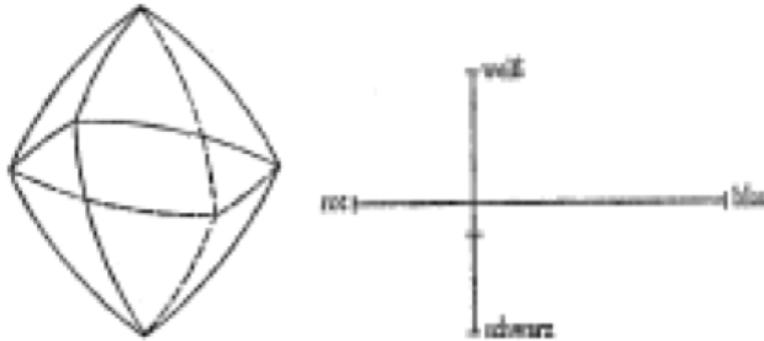
Isso nos dá a oportunidade de examinarmos um outro *mea culpa*. No PB 82, Wittgenstein afirma que os conectivos do *Tractatus* são limitados: «sie sind eben nicht damit erschöpft, was ich in der Abhandlung gedacht habe“ p. 109. Os conectivos não operam com proposições da maneira que ele havia pensado no *Tractatus*. Os operadores lógicos devem ser sensíveis às articulações conceituais e inferenciais dos sistemas nos quais estão operando, respeitando, por exemplo, o quadro de compatibilidades e incompatibilidades materiais que os *Satzsysteme* preconizam.

Aqui vale também notar que as tentativas de linguagens notacionais usadas por Wittgenstein no começo do período intermediário são articuladas com várias escalas ou coordenadas, justamente para poderem expressar algum tipo de gradação. Se basicamente toda propriedade empírica permite gradação, então toda a expressão lógica do ambiente conceitual dessas propriedades a partir de um meio notacional deve permitir a expressão de gradações a partir de escalas.

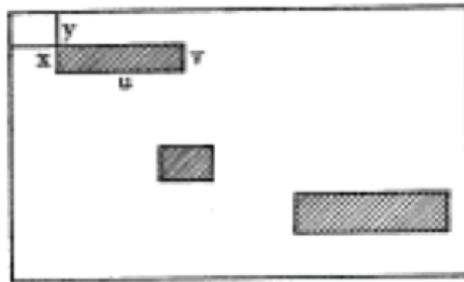
A) *Some remarks* (p.166, 1929);



B) WWK (pp. 42-43, em dezembro de 1929);



C) WWK (p.75, em janeiro de 1930):



É importante notar aqui que todas as notações trazem escalas coordenadas (*Maßstäbe*) para capturarem a multiplicidade lógica de magnitudes contínuas. Não temos nada semelhante a isto no *Tractatus*, mas deveríamos ter. Por quê? Nós deveríamos ter coordenadas no *Tractatus*, porque temos magnitudes contínuas por lá também. Elas estão previstas no *Tractatus*. Veja em 2.0131 e 2.0251.

Compare estas passagens com PB 83 : „In meiner alten Fassung der Elementarsätze gab es keine Bestimmung des Wertes einer Koordinate; obwohl meine Bemerkung, dass ein farbiger Körper in einem Farbenraum ist etc., mich direkt hätte dahin bringen können.“ (p. 89) Nessa passagem, Wittgenstein afirma que, em sua antiga visão de proposições elementares, não havia a possibilidade de determinar o valor de uma coordenada. Contudo, a observação de que um corpo colorido está em um espaço de cores e “etc.” o teria trazido diretamente para essa necessidade. É como se o problema das cores frequentemente apresentado em 6.3751, em verdade, já estaria montado na assim chamada parte ontológica do *Tractatus*. O 2.0131 já prevê o tipo de exclusão necessária, mas irreduzível à contradição formal em muitos sistemas, não só o de cores, como o “etc” mostra. (Silva 2013, 2020a)

Dessa maneira, é natural pensarmos, no passo seguinte, na centralidade que *Maßstäbe* ganha para a determinação do sentido proposicional, a saber: algumas sentenças funcionam como *Maßstäbe*, ou seja, como objetos de referência e comparação. Elas desempenham o papel normativo de critérios para a avaliação de medições e de outras atividades. Veremos que normas e critérios não são descrições; não representam verdadeiramente ou falsamente um estado de coisas. Destarte, o explorar de Wittgenstein da polissemia de *Maßstab* desempenha um papel decisivo na emergência de normatividade no interior de sua obra. Note que em WWK, p. 62, Wittgenstein já afirma entender que entender o pi é entender uma regra que desempenha

o papel de critério de correção para medições de circunferências, por exemplo. Nesse ponto, Wittgenstein já usa *Maßstäbe* com a acepção de critério e não mais como uma régua física que expressa uma ilustração marginal de como condições de verdade de uma proposição deveriam ser determinadas ou sobre o que proposições são e como atuam na linguagem.

A partir da próxima seção, investigaremos a conexão entre medição, *Maßstab*, regras e normatividade para a determinação do sentido proposicional. A medição introduz estipulações, objetos de comparação, em certo sentido, arbitrários, sem perdermos objetividade. Esse objeto de comparação determina os fundamentos para se falar de verdade e validade. Determina a legitimidade de procedimentos em atividades, mas não são verdadeiros nem falsos. Os objetos de comparação atuam como critérios que estabelecem procedimentos, instruções para construção e operações convencionais. Qualquer mensuração pressupõe uma dimensão performativa e convencional.

SEÇÃO IV

SATZ ALS MEHRERE MASSSTÄBE: O PAPEL DE CRITÉRIOS E O ARGUMENTO NORMATIVO

Nesta seção, examinaremos a reinterpretação filosófica de *Maßstab* com um ganho maior de abstração em relação à imagem de um mero instrumento físico de medição como no *Tractatus* e, a partir dela, investigamos um avanço significativo na discussão sobre normatividade da linguagem no desenvolvimento da filosofia de Wittgenstein. Depois do reconhecimento das articulações inferenciais não-tautológicas a partir de gradações e exclusões nos sistemas de proposições e da necessidade de introduzir a pluralidade de escalas ou coordenadas para expressar incompatibilidades materiais de gradações de propriedades empíricas, examinaremos o protagonismo conceitual da noção de *Maßstab* na concepção normativa do fenômeno da determinação do sentido. *Maßstab* aqui deve ser pensada de maneira mais geral como regra, critério ou norma de avaliação de nossas atividades.

Contudo, vale perguntar: qual é a relação entre um sistema de coordenadas e a realidade fenomênica do começo da fase intermediária da filosofia de Wittgenstein? O uso de *Maßstab* torna-se mais abstrato. *Maßstab* não aparece mais como mero instrumento físico de medição; não mais como uma régua, mas como critério de avaliação. Wittgenstein percebe e desenvolve o papel normativo de *Maßstab* generalizado como regra e não mais como uma mera régua física. Afinal, para entender uma sentença ou uma descrição, ou para determinar se são verdadeiras ou falsas ou sob quais condições elas são verdadeiras ou falsas, precisamos entender diferentes critérios e regras. Critérios e regras são sempre pressupostos para a determinação do sentido proposicional. A ideia diretriz aqui é a de que precisamos de algum paradigma ou padrão de comparação, ou em uma palavra, uma *Maßstab*, para avaliar a qualidade ou legitimidade das descrições que fazemos a partir da linguagem, para determinar, por exemplo, o que é autorizado ou proibido, ou o que é uma aplicação correta ou incorreta.

Note que isso pode redundar em uma forma de convencionalismo. A natureza em si, fatos do mundo e fenômenos não possuem critérios sozinhos. Fatos no mundo não são um padrão em si. Fatos não são uma norma, ou um sistema de mensuração por eles mesmos. Escalas e coordenadas devem ser introduzidas, determinadas, postuladas, estipuladas, de maneira que possamos determinar os fenômenos e para que possamos precisar nossas mensurações e excluir vaguezas. Acredito que há um antirrealismo de base no reconhecimento de *Maßstab* como uma norma. Ninguém deveria procurar por uma régua real ou um sistema de coordenadas real na natureza, independente da introdução por agentes racionais. Nesse sentido, *Maßstäbe* são convencionais

porque devem ser introduzidas. E uma vez introduzidas, funcionam como medidas ou objetos de comparação ou como critérios de avaliação da qualidade de nossas atividades e descrições. Elas determinam os fundamentos pelos quais julgamos verdade e validade. Antes de as proposições descreverem qualquer coisa, *Maßstäbe*, já na acepção de critérios e normas, devem constituir o pano de fundo a partir do qual qualquer descrição deve tomar lugar.

Com efeito, estamos procurando a relação entre normatividade e convencionalidade. Escalas e coordenadas são convenções que desempenham um papel normativo. Para fazer algumas sentenças serem de fato capazes de verdade ou falsidade, temos que introduzir estipulações para determinar alguns fenômenos vagos. O fenômeno, em si, não é determinado. Estipulações de escalas não precisam pertencer ao fenômeno. As estipulações de coordenadas que funcionarão como critérios de avaliação precisam ser introduzidas. A estipulação não é, em si, verdadeira ou falsa. Ela constitui a possibilidade de julgar descrições como verdadeiras ou falsas.

Tomemos o seguinte exemplo filosoficamente interessante. Alguém poderia perguntar em um debate sobre x: “Afinal, o que é x?”. Essa pergunta demanda uma classificação. Uma resposta coerentemente wittgensteiniana para uma pergunta como essa deveria ser: “Eu não sei responder esta questão enquanto você não me der um parâmetro, um critério, alguma norma, medida. Sem um parâmetro, eu não sei o que procurar. E se eu encontrar algo, não sei se o que identifiquei é correto. Não sei se identifiquei algo corretamente. Enquanto você não introduzir uma *Maßstab* e permitir a possibilidade de controle da resposta, eu não saberia o que responder”. Assim, a resposta à pergunta “o que é x?” poderia ser uma outra pergunta que demanda que um arcabouço normativo seja determinado primeiramente: “Welche ist der Maßstab dafür?”

Como dissemos, essas regras (ou aqui, critérios) não são verdadeiras nem falsas. Isso lembra a dificuldade de classificação que Wittgenstein, no *Some Remarks*, encontra para classificar algumas regras fenomenológicas, como “se é azul não é vermelho”. Ele as identifica como “a certain kind of tautology”. Essa dificuldade está próxima do antirrealismo do *Tractatus* em relação à lógica e à matemática. O vocabulário da lógica e da matemática não representam algo na realidade. Assim como o vocabulário lógico não obtém seu significado por substituir algo na realidade, regras como critérios de avaliação não podem ser falsas ou falsificadas. Elas constituem os fundamentos a partir dos quais podemos avaliar coisas como falsas ou falsificáveis. Regras são constitutivas porque determinam (*die setzen was fest, die fixieren was, die halten was fest*) o arcabouço conceitual, inferencial e normativo a partir do qual classificamos, descrevemos e julgamos coisas no mundo. Algo deve ser postulado para que possamos fazer descrições e juízos que possam ser verdadeiros ou falsos.

Não é exagero exegético procurar por conexões entre normatividade e *Maßstab* já no começo do período intermediário da filosofia de Wittgenstein. Podemos observar a articulação em jogo entre normatividade e a medição na seguinte passagem do PB:

“Die Frage ist die, in welchem Sinne die Resultate von Messungen uns etwas über dasjenige sagen können, was wir auch sehen. Wie ist es mit dem Satz „Die Winkelsumme im Dreieck ist 180 Grad? Dem sieht man jedenfalls nicht an, dass der ein Satz der Syntax ist. Der Satz, ‚Gegenwinkel sind gleich‘, heißt, ich werde, wenn sie sich bei der Messung nicht als gleich erweisen, die Messung für falsch erklären; und ‚Winkelsumme im Dreieck ist 180 Grad‘ heißt, ich werde, wenn sie sich bei einer Messung nicht als 180 Grad erweist, einen Messungsfehler annehmen.“ (PB, p.218)

A passagem deixa claro que a discussão sobre a normatividade de *Maßstab* é debitária da compreensão de regras na geometria e nas atividades de mensuração. Como podemos entender ou interpretar a proposição da geometria, “um certo tipo de tautologia”, como: a soma dos

ângulos internos de um triângulo é igual a 180 graus? Wittgenstein destaca que a proposição deveria ser entendida não como descritiva, mas como uma proposição da sintaxe, como uma regra que constitui a maneira como entendemos a geometria e o fenômeno da medição. Se medir um triângulo e descobrir que o ângulo oposto não é reto, por exemplo, isso significa dizer que vou falsificar a proposição “o ângulo oposto é reto” pelo resultado da minha medição? A resposta de Wittgenstein é “não”. A proposição da sintaxe é a regra pela qual avaliamos algo: ela estipula os critérios para a qualidade da medição e não pode ser falsificada pelos resultados da própria medição. Se houver discrepância de um resultado da medição, provavelmente não falsificaríamos a regra, e sim classificaríamos o resultado como um erro de medição.

Wittgenstein afirma explicitamente que: „Der Satz ist also ein Postulat über die Art und Weise der Beschreibung der Tatsachen. Also ein Satz der Syntax.” (PB p. 218). O elemento convencional aqui é reafirmado. A regra é um postulado sobre a maneira pela qual descrevemos os fatos e, portanto, é uma proposição da sintaxe, não descritiva, mas um critério de avaliação de outras descrições.

Segundo o WWK, em anotações de Janeiro de 1930, podemos também observar a conexão entre medição e regras:

„Wenn ich nun verstehe, was eine Längenangabe bedeutet, so weiß ich auch, dass, wenn ein Mensch 1,6m lang ist, er nicht 2m lang ist. Ich weiß, dass durch die Messung nur ein Wert in einer Skala festgelegt wird und nicht mehrere Werte. Wenn Sie (Schlick) mich fragen: Woher weiß ich das? So erwidere ich einfach: Daher, dass ich den Sinn der Aussage verstehe. Es ist unmöglich, den Sinn einer solchen Aussage zu verstehen und nicht die Regel zu kennen. [Ich kann die Regel im Gebrauch kennen, ohne sie ausdrücklich formuliert zu haben].“ (WWK, p.78).

Nessa passagem, Wittgenstein esclarece que podemos entender uma regra da sintaxe pelo seu uso, sem que tenhamos que formulá-la explicitamente. Quando um homem tem 1,60 de altura, ele não tem dois metros de altura. Sabemos, por meio dessa regra, que um valor da escala foi determinado e não mais de um valor. Sabemos disso porque entendemos o sentido da proposição. Dominamos o uso das escalas aqui. Entender o sentido da proposição é entender como as regras se articulam para tornarem-se critérios de avaliação de nossas atividades. É impossível entender o sentido de uma proposição sem entender as regras pela qual ela se articula.

Assim podemos notar a relação entre medição a partir de uma *Maßstab* e normatividade no contexto da sua discussão sobre geometria:

„Wenn wir bei einer Reihe von empirischen Kreisen das Verhältnis von Umfang und Durchmesser ausmessen, so erhalten wir Zahlenwerte, die mehr oder weniger nahe bei π liegen. Die Zahl π ergibt sich nicht aus den tatsächlichen Messungen. Wenn die Messungen einen andern Wert für dieses Verhältnis ergeben, so sagen wir nicht: Die Zahl π hat einen andern Wert, sondern wir sagen: Unsere Messung war ungenau. D.h. wir halten an der Zahl π fest und betrachten sie als den Maßstab, nach dem wir die Güte der Beobachtung bemessen. Die euklidische Geometrie beruht auf einer *Festsetzung*.“ (WWK. p.231)

A partir da razão do perímetro pelo diâmetro de círculos empíricos, encontramos valores próximos de Pi, mas percebe-se que o Pi não é determinado pelo resultado sucessivo de mensurações empíricas. Nesse contexto, o argumento normativo de *Maßstab* aparece explicitamente. Se na medição encontramos outro valor, não diremos que o número Pi tem a partir de agora outro valor, mas sim, falaríamos: nossa medição foi incorreta ou insuficientemente precisa. Isto

significa que fixamos o número Pi como parâmetro ao tomarmos como uma *Maßstab*, a partir do qual avaliamos a qualidade de nossa observação empírica. Assim, a geometria euclidiana repousa sobre uma estipulação. “Die euklidische Geometrie beruht auf einer *Festsetzung*”, afirma Wittgenstein (WWK. p.231).

Wittgenstein também discute no WWK a articulação entre medição, regras, normatividade e *Maßstab*, como na passagem abaixo:

„Kehren wir noch einmal zu der Winkelsumme im Dreieck zurück! Gesetzt, wir könnten einmal beweisen, dass die Winkelsumme 180° ist ein andermal, dass sie 182° ist _ (und zwar beide Male aus den Axiomen) _ was dann? Ich würde sagen: Wir haben dann eben zwei verschiedene Bestimmungen darüber getroffen, wann eine Messung als fehlerfrei anzusehen ist. Ich habe früher einmal gesagt: Die Axiomen der Geometrie sind der *Maßstab*, nach dem wir die Güte einer Messung beurteilen. Die Regel $++ = 180^\circ$ ist ein solcher *Maßstab*.“ (WWK, p.198)

Em mais um exemplo que remete à geometria, o argumento normativo é explicitado com o desenvolvimento da metáfora de *Maßstab*. Imagine que alguém encontre em uma demonstração que a soma dos ângulos internos de um triângulo seja 182 graus. O que essa pessoa deveria fazer? Provavelmente tomaria o cálculo como errado. Não usamos o resultado do cálculo para falsificar a proposição da geometria. A proposição da geometria não é uma descrição e não deveria ser falsificável a partir de uma mensuração empírica. Se tomarmos a proposição da geometria como uma *Maßstab* a partir da qual julgamos a qualidade da medição, então tomaremos a medição 182 graus como incorreta. 180 graus é uma regra e tem poder normativo sobre nossas atividades de mensuração.

Além disso, podemos nos perguntar sobre o que Wittgenstein está falando quando menciona *Maßstab* “kehren wir zurück!” na passagem anterior. Para quando ele quer voltar? A qual contexto de discussão esse comentário pertence? A compilação do WWK apresenta a pergunta e indica dezembro de 1929 como resposta. A essa altura, já temos a formulação explícita do argumento normativo baseado no desenvolvimento da *Maßstab*.

„Denn wenn alle Intervalle zufälligerweise zu groß wären, würden wir doch nicht annehmen, dass ω klar: Keine Messung kann uns sagen, welchen Wert ω hat oder zwischen welchen Werten sie liegt, sondern die Zahl ω ist der *Maßstab*, nachdem wir die Güte der Messung beurteilen. [1] Wir können die Zahl ω nicht messen, weil wir an der Zahl ω die Schärfe der Beobachtung bemessen. Der *Maßstab* ist uns schon vor der Messung gegeben; darum kann ich die Messung nicht ändern. Wenn wir also sagen: ω hat den und den Wert, z.B. $\omega=3,14159265\dots$, so kann das nicht bedeuten, dass wir damit etwas über die wirklichen Messungen aussagen wollen, sondern es kann nur heißen: Wir treffen eine *Festsetzung* darüber, wann wir ein Messungsverfahren als richtig bezeichnen und wann nicht.“ (WWK, p.62).

Nenhuma medição pode nos dizer qual é o valor de Pi ou entre quais valores ele está, mas sim, o número Pi é a *Maßstab*, no sentido de critério, a partir da qual avaliamos a qualidade de uma medição. Em certo sentido, não se pode medir o número Pi, porque avaliamos ou medimos a exatidão da medição através do próprio número Pi. O critério ou *Maßstab* é dado antes mesmo da medição, por isso não podemos mudar a medição a partir do resultado da medição. Dessa forma, se dissermos que Pi tem esse ou aquele valor, isso não quer dizer que estamos tratando das mensurações empíricas. Precisamos tomar uma decisão sobre quando um procedimento de medição é tomado como correto e quando não. Esse critério introduz a possibilidade de identificação, classificação, controle e, eventualmente, de correção também.

Desse modo, Wittgenstein destaca que os axiomas da geometria possuem um caráter de determinação ou estipulação sobre a linguagem na qual pretendemos descrever objetos espaciais. Os axiomas são regras da sintaxe. Essas regras não descrevem nada, não tratam de nada, mas nós as estipulamos. Não postulamos estados de coisas, mas os critérios pelos quais avaliamos estados de coisas. Se tivéssemos chegado em uma medição de 190 graus, o que diríamos? Cometemos um erro, e não falsificaríamos o enunciado da geometria, como fica claro na passagem seguinte:

Die Axiome der Geometrie haben also den Charakter von Festsetzung über die Sprache, in der wir die räumlichen Gegenstand beschreiben wollen. Sie sind Regeln der Syntax. Die Regeln der Syntax handeln von nichts, sondern wir stellen sie auf. Wir können nur das postulieren, was wir selbst tun. Wir können nur Regeln postulieren, nach welchen wir sprechen wollen. Wir können nicht Sachverhalte postulieren. (...) Angenommen, wir hätten einer Messung 190° herausbekommen. Was würden wir sagen? „Wir haben einen Fehler begangen“.“ (WWK, p.62).

No caso de um desvio na medição, diríamos que a geometria euclidiana foi refutada? Manteremos a geometria euclidiana e procuraremos razões no comportamento físico das nossas réguas para o desvio. Por exemplo, conjecturaríamos que a régua se deformou, um campo de força alternativo apareceu, nossa medição foi pouco precisa ou o raio de luz ficou torto etc. Isso quer dizer: tomamos as regras da geometria como sintaxe, que estipula critérios de avaliação. Desvios não falsificam a sintaxe; desvios são tomados como erros na medição. A sintaxe é usada para corrigir a medição e não o contrário.

Isso está exposto no comentário de Waismann de janeiro de 1931 sobre normatividade na medição e no uso de *Maßstab*.

„Anders ist es dagegen, wenn ich die Axiome der euklidischen Geometrie zugrunde lege, wenn ich also die Ergebnisse der Messung beschreibe mit einer Sprache, deren Syntax festliegt. Wenn in diesem Falle eine Abweichung auftritt _ würde ich sagen, der Cosenussatz ist falsch, die euklidische Geometrie ist widerlegt? Nein! Wir würden an der euklidischen Geometrie festhalten und den Grund für die Abweichung im physikalischen Verhalten unserer Maßstäbe suchen. Wir würden sagen: Der Maßstab hat sich deformiert, es ist Kraftfeld aufgetreten, unser Messung war ungenau, der Lichtstrahl war gekrümmt etc. Das heißt: Wir fassen die Sätze der Geometrie als Regeln der Syntax auf. Eine Regel der Syntax bestimmt, wann zwei Methoden der Verifikation äquivalente sind.“ (WWK, p.162)

Observemos mais uma vez a formulação do argumento normativo através da noção de *Maßstab* feita por Waismann sobre a intersecção do ângulo. O que acontece se não tivermos o mesmo valor do cálculo e da medição empírica? Se vemos a demonstração como critério, não podemos corrigir o valor de interação por meio de medições. Se com a medição empírica nós encontrarmos uma diferença, uma discrepância, precisaríamos dizer que ocorreu algo de errado com a medição e não com a demonstração ela mesma. A construção ou demonstração é a *Maßstab* a partir da qual a qualidade da medição pode ser julgada.

CONCLUSÃO

Nesse trabalho, defendi que o explorar de Wittgenstein da polissemia de *Maßstab* desempenhou um papel decisivo na emergência de normatividade em seu período intermediário. Em WWK, por exemplo, Wittgenstein afirma que entender o número Pi “ist Regeln zu verstehen”

p.78. Nesse ponto, Wittgenstein já usa *Maßstäbe* com a acepção de critério e não mais como uma ilustração marginal para entender o que proposições são e como elas atuam na linguagem, como no *Tractatus*. Examinei como a metáfora é desenvolvida e generalizada a partir do protagonismo que desempenha para a determinação do sentido proposicional desde a *Maßstab* física do *Tractatus*, passando pela *Maßstab* com gradações e prolongamentos e pela necessidade de muitas escalas para determinar o fenômeno no holismo do período intermediário, até chegar na visão que *Maßstäbe* são critérios de avaliação.

Além disso, defendi que o Wittgenstein intermediário, ao rever a sua posição sobre a linguagem pressionada por problemas lógicos no *Tractatus*, observa de maneira crucial que o objeto de comparação, a *Maßstab*, não pode ser ele mesmo nem verdadeiro nem falso, uma vez que determina como avaliamos coisas como verdadeiras ou falsas. Essa é uma consequência filosófica crucial no desenvolvimento normativo da metáfora de *Maßstäbe*. O que o argumento normativo apresenta é que uma coisa é estabelecer, fixar, por exemplo, o que é um metro; outra é descrever, por exemplo, o tamanho de um objeto através do sistema métrico. O que conta como erro é diferente nos dois âmbitos. A descrição pode ser verdadeira ou falsa. O estabelecimento do metro não pode ser falso, em um sentido importante de “falsidade”, porque o metro não é uma descrição ou representação de um estado de coisas. O estabelecimento do metro fixa o critério pelo qual o erro é identificável e eventualmente corrigido.

Referências

- Cuter, João Vergílio. Números e cores. *doispontos*, Curitiba, São Carlos, vol. 6, n. 1, p.181-193, abril, 2009.
- Engelmann, Mauro. *Wittgenstein's Philosophical Development: Phenomenology, Grammar, Method, and the Anthropological View*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2013.
- Hacker, Peter. *Insight and Illusion: themes in the Philosophy of Wittgenstein*. Oxford: Clarendon Press, 1986.
- Neto, Bento Prado. *Fenomenologia em Wittgenstein: tempo, cor e figuração*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- Silva, Marcos. Holismo e Verofuncionalidade: Sobre um conflito lógico-filosófico essencial. *Philosophos*, Goiânia, v.18, n. 2, p. 167-200, jul/dez, 2013.
- Silva, Marcos. Negation, material incompatibilities and inferential thickness: a Brandomian take on Middle Wittgenstein. *Disputatio. Philosophical Research Bulletin* 8, no. 9: pp. 00-00. Madrid, 2019. ISSN: 2254-0601
- Silva, Marcos. Sobre a fragmentação do espaço lógico tractariano. *Revista Argumentos*. E-ISSN: 1984-4255 ano 12, n.o 24 - jul.-dez. 2020a. <https://doi.org/10.36517/Argumentos.24.18>.
- Silva, Marcos. Verificacionismo, Expressivismo, Inferencialismo: Uma leitura normativa. *Veritas* (Porto Alegre), 65(3), 2020b. <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2020.3.38430>
- Wittgenstein, Ludwig. *Philosophische Bemerkungen*. Werkausgabe Band 2. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1984.
- _____. Some Remarks on Logical Form. *Proceedings of the Aristotelian Society, Supplementary Volumes*, Vol. 9, Knowledge, Experience and Realism (1929), pp. 162-171 Published by: Blackwell Publishing on behalf of The Aristotelian Society.
- _____. *Tractatus Logico-philosophicus*. *Tagebücher 1914-16*. *Philosophische Untersuchungen*. Werkausgabe Band 1. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1984.
- _____. *Wittgenstein und der Wiener Kreis*. Werkausgabe Band 3. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1984.

Resumo

Neste artigo investigamos o desenvolvimento normativo da metáfora de réguas (Maßstäbe) no período intermediário da filosofia de Wittgenstein. Esta metáfora foi apresentada marginalmente no Tractatus para ilustrar como determinamos o sentido de proposições. Contudo, a partir de 1929, após alguns problemas lógicos acerca do estatuto da necessidade e da exclusão em alguns domínios linguísticos (como na atribuição de cores a pontos visuais), a metáfora de réguas toma gradualmente a centralidade da discussão. Aqui, nós examinamos como e por que esta metáfora acompanhou a emergência das discussões de normatividade na Filosofia de Wittgenstein no começo da década de 1930. Isto pode ser explicado porque Maßstäbe não são só instrumentos de medida, mas também são objetos de referência. Elas também significam critérios ou regras, largamente convencionais, pelos quais outras coisas são avaliadas.

Palavras-chave: Wittgenstein, linguagem, sentido

Abstract

This paper investigates the normative development of the metaphor of rulers (Maßstäbe) in the middle period of Wittgenstein's philosophy. This metaphor was marginally presented in the Tractatus to illustrate how the sense of propositions is to be determined. However, from 1929 onwards, after some logical problems concerning the nature of necessity and the exclusion in some linguistic domains (as the ascription of colors to visual points), the metaphor of rulers became gradually more central to his discussions. Here we will examine how and why this metaphor follows the emergency of the discussions on normativity of language in Wittgenstein's Philosophy in the beginning of the 1930'. This will be explained by observing that Maßstäbe are not just an instrument for measuring things; they are also reference objects. They also mean criteria or rules, largely conventional, by which things are evaluated.

Key-words: Wittgenstein, language, meaning